

Imaginário, subjetividade e experiência religiosa¹²

Resumo: A noção de sagrado é multifacetada e multiforme, e nós a encontramos em todas as disciplinas das ciências humanas. A presente intervenção visa expor uma espécie de tipologia da categoria geral do sagrado nas culturas humanas. Em um segundo momento, examina-se mais especificamente a experiência subjetiva do sagrado. O sagrado não é o resultado final, mas um processo, pois encontra-se entre o profano e o divino. É, portanto, uma jornada psíquica que nos permite precisamente acessar e dar nome à transcendência.

Palavras-chave: noção de sagrado; tipologia do sagrado; experiência subjetiva do sagrado.

Estou muito feliz e honrado por estar aqui. Para mim, é uma oportunidade de concluir as reuniões que tive durante várias décadas com colegas de todas as disciplinas no Brasil. Infelizmente, apesar dos muitos anos, eu nunca aprendi verdadeiramente o português, por isso sou obrigado a lhes dar um texto em francês, gentilmente traduzido por Thacio Santos. E assim, sem mais delongas, gostaria de tentar compartilhar com vocês algumas observações, algumas ideias, algumas hipóteses sobre essa categoria do sagrado.

Essa noção de sagrado é multifacetada e multiforme, e nós a encontramos em todas as disciplinas das ciências humanas. Ela é usada principalmente na história das crenças, na história das religiões e na história das sociedades políticas, mas também, é claro, no estudo de representações e comportamentos individuais, por meio da psicologia, da psicanálise e da produção artística como um todo. Portanto, gostaria de tentar compartilhar algumas ideias essenciais para não me alongar demais e, obviamente, insistirei na dimensão psicológica dessa categoria do sagrado.

Então, deixe-me começar dizendo que o termo sagrado pode se desenvolver em dois lados, como uma montanha. Há o lado social e cultural e o lado psicológico individual. Esses dois aspectos, esses dois lados do sagrado, são ao mesmo tempo separados. Por exemplo, a sociologia, por um lado, e a psicologia, por outro, mas também são interdependentes. Mas é

¹ O presente artigo originou-se de uma conferência proferida pelo prof. Dr. Jean-Jacques Wunenburger na PUCMG em 3 de novembro de 2023. O referido evento acadêmico contou com um trabalho de organização e colaboração conjunta entre os departamentos filosofia e ciências da religião da PUCMG, Proex PUCMG e a FUNDASINUM- Fundação de Saúde Integral Humanística- Belo Horizonte, MG.

² Palestra proferida em Francês, com tradução para o Português realizada por Ana Cláudia e Silva Xavier, Houefa Carine Chanceline Sobako e Thácio Ferreira dos Santos.

importante perceber que não podemos realmente falar sobre a experiência psicológica do sagrado a menos que entendamos as formas e funções do sagrado na cultura.

E é por isso que terei de começar com uma espécie de tipologia da categoria geral do sagrado nas culturas humanas. Depois, examinaremos mais especificamente a experiência interior, a experiência subjetiva do sagrado, como sugere o título.

Portanto, antes de voltar a essa questão das variedades do sagrado nas sociedades e culturas, gostaria de destacar uma ideia central, e vou ilustrar essa ideia central com a pintura de Fra Angelico que vocês têm diante de si e que nos servirá pedagogicamente para o que vou explicar a vocês.



Portanto, o título dessa famosa pintura no Convento de São Marcos, em Florença, é ‘Não me toque’. E essa fórmula é obviamente usada aqui por Cristo depois de sua morte, depois de sua ressurreição, depois de sua transfiguração, quando ele retorna entre os homens.

Mas você pode ver que o pintor deu grande ênfase à figura humana de Cristo. Cristo não é imediatamente reconhecível; poderia ser qualquer homem com a aparência que reconhecemos como Cristo. E, diante dele, Maria Madalena, sabendo quem Cristo realmente é, quer vir cumprimentá-lo e se aproximar dele para mostrar-lhe respeito. E é aí que Cristo responde: não me toque. Isso significa: mantenha distância, fique separada. E essa proibição é surpreendente, porque, de fato, a intenção espontânea de Maria Madalena era vir e reconhecer a santidade de Cristo e, portanto, estar verdadeiramente nessa posição de submissão ao carisma de Cristo.

Mas, precisamente, o Cristo que diz "não me toque" não é o Cristo humano. É o Cristo transfigurado, parte do qual é invisível, sobrenatural. Assim, Cristo lhe diz: você não pode me tocar porque não sou mais homem. Eu sou o Cristo transfigurado e, portanto, estou de fato do lado de Deus e não do lado da mulher ou do homem.

E, então, nós podemos voltar à discussão. Então o que eu me lembro é de que Maria Madalena descobre que ela não pode se comportar em relação a esse homem Deus espontaneamente. Ela não apenas se sente humilde e submissa por estar curvada, mas também não pode cruzar a linha de separação do Cristo transfigurado. Portanto, é essa injunção, essa proibição que eu gostaria de tentar ilustrar para vocês por meio da cultura e da experiência psicológica. Gostaria de mostrar a vocês que antropólogos, historiadores culturais e teóricos da criação artística sempre enfatizaram duas formas de sagrado.

A primeira forma do sagrado está presente em todas as sociedades humanas desde os tempos pré-históricos. Essa primeira forma é expressa por meio da proibição. "Você não deve me tocar. É proibido me tocar". E essa proibição é, até certo ponto, o equivalente ao que mais tarde chamaremos de lei. A lei estabelece uma obrigação imperativa e, se você não obedecer a essa proibição, estará cometendo uma transgressão. E essa transgressão pode ser punida porque você cruzou a linha que não foi autorizada.

É por isso que até mesmo a lei, a justiça legal, muitas vezes apresenta a lei como algo que deve ser respeitado porque não há liberdade para fazer o contrário. Portanto, essas proibições que existem em todas as sociedades, mesmo antes da lei, produzem medo. Elas levam a uma submissão um pouco assustada. Porque temos medo de transgredir e ser punidos. Mas é essencial entender que, na história das sociedades humanas, há transgressões que são autorizadas e até formalizadas, que são até ritualizadas. É um tipo de exceção que nos aproxima do que era proibido. Portanto, é importante ver que em todas as sociedades sempre há proibições, mas também há momentos em que a transgressão é em si um ato sagrado, porque nos tornamos sagrados ao transgredir o sagrado.

Então, vamos tomar dois exemplos de culturas. De modo geral, as sociedades proíbem a matança. E isso tem sido visto ao longo da história humana para reforçar a proibição de matar. A pessoa é apresentada como sagrada. Não queremos tocá-la. Como vimos na lei romana e depois na lei ocidental, a pessoa humana é sagrada precisamente porque é inviolável. Ela não pode ser tocada, muito menos morta.

Mas, como vocês bem sabem, todas as sociedades, em algum momento, autorizaram o assassinato, autorizaram a morte de uma vítima, e essa vítima é o sacrifício. Durante muito

tempo, em certas sociedades, em particular nas sociedades ameríndias das Américas, os homens matavam mulheres que eram sacrificadas a um Deus e que, portanto, nos permitiam adorar o sagrado.

O outro exemplo cultural dessa transgressão autorizada em determinados momentos e sob certas condições é o festival. O festival religioso é uma oportunidade para uma comunidade fazer coisas, ir a extremos, fazer transformações, máscaras, danças e assim por diante, o que normalmente é proibido. Assim, você pode ver que a primeira categoria é a de proibições e transgressão, transgressão que permite que você participe de algo sagrado se respeitar o código de transgressão. Portanto, a transgressão é uma forma de participar do sagrado.

Mas todas as formas culturais ainda estão na sociologia e na antropologia. Ainda não estão na psicologia. A segunda forma do sagrado não está mais ligada a proibições, à lei e à transgressão. Pelo contrário, está ligada a um tipo de atitude, um respeito por alguém ou algo. E essa forma de sagrado é diferente. Ela foi introduzida pelas primeiras religiões monoteístas e, portanto, pelo judaísmo. Ela ainda mantém uma certa prática de proibições e sacrifícios, mas começou a possibilitar outro tipo de sacralidade, que é a sacralidade, por exemplo, do texto de Deus, de um texto que Deus teria dado à humanidade.

Assim, vemos que aqui o respeito pelo texto, em outras palavras, a compreensão do que o texto está nos dizendo, torna-se uma forma de manifestação do sagrado. É por isso que as três grandes religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, dizem que a Bíblia, os Evangelhos e o Alcorão são sagrados. Não no primeiro sentido, eles não são proibidos. Pelo contrário. Mas é uma questão de abordá-los com cautela, com a sensação de estarmos diante de algo superior a nós mesmos. Algo que não vem de nós. E, assim, a noção de sagrado, de respeito, que é típica, particularmente das religiões livres, introduz essa noção de respeito pelos textos e condena a não conformidade com os textos, o que é chamado de sacrilégio.

Essa noção de respeito pelos textos e condenação do desrespeito aos textos é chamada de sacrilégio. Portanto, é uma abordagem interpretativa completamente diferente, de modo que há realmente dois caminhos. Há dois caminhos para o sagrado. Mas ainda podemos tentar encontrar um tipo de unidade oculta por trás desses dois lados. Por trás dessas duas faces do sagrado. O primeiro ponto que foi bastante desenvolvido pela antropologia diz respeito aos dois valores contraditórios do sagrado.

A partir dessa imagem, podemos imaginar que a pessoa que diz "não me toque" está dizendo isso porque ela é, de certa forma, a fonte de uma maldição. A fonte de um efeito ruim. E é por isso que a forma mais antiga de sacralidade cultural é chamada de contaminação. A primeira forma universal do sagrado é a contaminação. E de forma tão eficaz, nas sociedades, conseguimos tornar sagrado algo que nos rejeitou, nos repeliu. É algo impuro. E só podemos ter um relacionamento com o impuro se primeiro o purificarmos. É por isso que muitos ritos religiosos são ritos de purificação. Em outras palavras, para transformar o que é ruim em algo bom. E isso é realmente específico de todas as religiões politeístas, de todas as religiões animistas, em que sempre é preciso evitar tanto a transgressão quanto a impureza.

Portanto, há uma sacralidade da impureza, mas ela praticamente desapareceu das culturas monoteístas. Por outro lado, esse é o oposto sagrado da impureza. Cristo não é apenas a expressão da bondade e do poder divino. Além disso, por ter se aproximado de Deus por meio da morte, ele trouxe ainda mais pureza à humanidade do que antes.

Então, para resumir. O sagrado pode ser ruim, a contaminação; ou pode ser bom, a santidade. E é fato que, em determinadas situações, é possível mudar de um para o outro. Portanto, o sagrado é algo que pode ser revertido, transformado de um oposto para o outro. Lembre-se dessa ideia, pois ela terá uma extensão na experiência subjetiva do sagrado.

E é por isso que, desde o século XX, no estudo do sagrado, a palavra latina *numen*, numinoso, tem sido usada em vez da palavra sagrado. E o numinoso é uma espécie de paradoxo. É ao mesmo tempo algo a ser temido. Isso me ameaça, isso me aterroriza. E pode ser uma contaminação ou santidade. Ou, ao contrário, o numinoso é algo que me dá força superior diante de algo que me transforma em majestoso e sublime. Portanto, aqui também há uma espécie de ambivalência, mas às vezes também simultaneidade entre esses dois polos: o polo do medo e o polo da exaltação pelo contato com a santidade.

Portanto, como você pode ver, a noção de sagrado que comecei a descrever é complexa. Ela tem uma única definição, que comecei simplificando por meio da frase "não me toque. Fique longe". Porque você está em contato com algo perigoso ou algo que é maior do que você. Mas, por outro lado, você vê que há vários tipos de sacralidade e, dentro de cada tipo de sacralidade, há ambivalências positivas e negativas. Assim, a categoria de sagrado designa coisas muito diferentes do ponto de vista da experiência. E acredito que, com base nessa primeira observação, podemos agora tentar retornar à experiência subjetiva.

Tentar encontrar na vida individual o equivalente ao que vimos externamente por meio dos mitos e ritos das religiões. Esse é o segundo ponto, então, que eu gostaria de desenvolver, mostrando que o sagrado é precisamente parte do que vem a me limitar. Desde o início, qualquer experiência do limite ou da sensação de ser limitado explode em minha consciência precisamente do sagrado.

Por outro lado, sentir-se ilimitado, sentir-se totalmente poderoso, sentir-se totalmente livre, é ser incapaz de acessar a consciência do sagrado. Portanto, a consciência do sagrado só é possível em um nível psicológico se começarmos encontrando um limite. Esse limite pode ser externo a mim. Em outras palavras, ele desperta em mim por meio de minha fraqueza. Por meio de minha impotência. Porque não posso fazer o que quero. Porque estou exposto a algo maior ou mais forte do que eu. E é esse encontro com um não eu que é mais poderoso do que eu que é o início do sagrado.

Mas esse limite, esse sentimento de limite, também pode ser encontrado dentro de nós mesmos. De fato, se você tiver a sensação de que, por meio de sua consciência, você é totalmente você mesmo, se achar que a identidade de seu ser é dada imediatamente por meio de sua consciência, você nunca pode ter um senso de sagrado. É por isso que o sagrado está ligado ao ponto de vista do desenvolvimento psicológico. Que algo dentro de nós nos escapa, que algo dentro de nós é inacessível. E vocês sabem muito bem que essa dimensão de limites internos é o que temos chamado no último século e meio de inconsciente.

O inconsciente é aquilo que nos escapa, algo que não está imediatamente sob o olhar da minha consciência, mas que está à parte, à distância. Ele não quer ser tocado por minha consciência. Portanto, aqui você vê os dois lados do sagrado. Há sacralidade quando encontramos coisas no mundo que estão além de nós, e há sacralidade quando descobrimos coisas dentro de nós que nos resistem. Portanto, o primeiro exemplo é comumente associado à experiência estética, à experiência da arte. Não menos importante, por meio da categoria do sublime.

Como vocês sabem, desde os gregos antigos e especialmente desde a Renascença, distinguimos duas formas estéticas. O belo e o sublime. O belo é algo bastante harmônico e em harmonia com nós mesmos. A beleza nos agrada porque é proporcional a nós mesmos. O sublime, por outro lado, é algo que nos comove, que nos impressiona. Porque é mais forte, maior do que nós.

O sublime tem sido muito ilustrado pela arquitetura, por exemplo. A arquitetura, quando atinge proporções sobre-humanas. No século XVIII, nas teorias filosóficas do

sublime, o exemplo da Basílica de São Pedro em Roma foi tomado, porque era tão gigantesca que o homem se sentia muito pequeno sob o olhar de Deus. E é por isso que uma das primeiras maneiras pelas quais o sagrado se materializou na cultura foi por meio da arquitetura. São os grandes monumentos, os grandes templos. E a arquitetura desproporcional nos dá essa sensação do numinoso.

Em outras palavras, como eu disse anteriormente, isso me esmaga, fico aterrorizado e, ao mesmo tempo, sou exaltado pela beleza sublime. Essa é a parte externa, o limite externo que experimentamos por meio de emoções, sentimentos, natureza, arte e assim por diante. Agora, se eu voltar para dentro de mim mesmo, poderei me conscientizar dos limites de minha vida, dos limites de minha consciência.

E há duas fontes fundamentais desse limite que abrirão a porta para a sacralidade. Uma é o nascimento. Não sei como eu mesmo nasci, porque você não dá à luz a si mesmo. Você vem de outra pessoa. Portanto, temos uma espécie de dívida com aqueles que nos deram a vida e, ao mesmo tempo, o resultado do nascimento é tanto a liberdade quanto o destino. O nascimento é um enigma que mostra até que ponto não estamos totalmente no controle de nós mesmos.

E o segundo exemplo, obviamente simétrico, é a morte. Ser mortal é uma das principais fontes do enigma de nossa vida. Sabemos que vamos morrer, mas não sabemos quando, nem como, nem o que virá depois. Portanto, estamos diante de um tipo de mistério. Um mistério no qual estamos imersos, mas sobre o qual nós mesmos não podemos lançar nenhuma luz.

E vocês podem ver como essas duas constatações nos tornarão conscientes do fato de que grande parte do que está em nossa consciência nos escapa, não temos conhecimento dela. Ela permanece à distância, intocável, desconhecida. E é aí que o sentimento do sagrado se enraíza. E é assim, em uma espécie de obscuridade, de noite, de consciência, que o sagrado se aloja.

E em cada caso, no sublime ou no enigma do nascimento ou no mistério da morte, encontramos a mesma experiência. A primeira é que essa consciência é tanto negativa quanto positiva. Isso é angustiante e, ao mesmo tempo, nos dá a sensação de estar acima da realidade. E, acima de tudo, essa ambivalência de emoções nos abre para a sensação de que há alguém ou alguma outra coisa maior e mais anterior a nós.

Assim, você pode ver que o resultado do sentimento numinoso é nos ajudar a descobrir que não estamos sozinhos. Que não somos os únicos mestres de nós mesmos, mas que existe a

alteridade, a transcendência, algo que muitas vezes é chamado de divino. E assim você vê como o sagrado, apesar da pluralidade de experiências, leva a uma única representação, a do totalmente outro. É todo o resto que é a chave para nossa existência e a chave para entender todas as nossas limitações e preocupações.

Portanto, dois comentários. O primeiro é que o sagrado não é religioso. Ele só existe de fato quando nomeamos essa alteridade, quando lhe damos uma identidade chamada Deus, no singular ou no plural. Mas o sagrado ainda não nos obriga a nomear Deus. Portanto, o sagrado é um mediador, um intermediário. E isso é muito importante porque, na linguagem das ciências humanas do século XX, muitas vezes opusemos o sagrado e o profano. O profano é aquilo que é independente do sagrado, e o sagrado é aquilo que nos leva a uma transcendência.

Mas acho que precisamos distinguir entre três níveis. Há o profano, o sagrado e o divino. O sagrado está no meio, não é o resultado final. E é por isso que o sagrado é um processo. É uma jornada psíquica que nos permite precisamente acessar, dar nome à transcendência. Daí a segunda observação de que o sagrado é experimentado no fundo de nós mesmos, independentemente das religiões, independentemente da arte. E é aqui que podemos pensar nas propostas de um famoso psicólogo, Carl Gustav Jung, que mostrou como a consciência deve abrir espaço para algo que não seja ela mesma.

Por um lado, a tudo o que ele chama de sombra, a todos esses limites negativos dentro de nós que nos dividem em dois, que nos separam entre a luz e a escuridão, mas essa oposição entre consciência e sombra nos permite avançar em direção a um terceiro momento chamado *self*, que é o processo de individuação. O *self* é uma espécie de reconciliação, uma transformação da oposição, do negativo e do positivo. E é por isso que o *self*, não o ego, o *self* é, de certa forma, o suporte da ideia ou imagem de Deus. Portanto, isso significa que, psicologicamente, por meio da individuação, conseguimos abrir espaço para o divino dentro de nós. Não somos Deus, mas, de certa forma, temos a imagem viva de Deus dentro de nós. Assim, você pode ver que o sagrado é um processo de mediação e um processo de transformação psíquica.

Minha última observação importante é que esse sagrado, sobre o qual lancei alguma luz psicologicamente, não culturalmente, mas psicologicamente, pode dar origem a muitos mal-entendidos ou pretensões. Assim como há muitos falsos sagrados nas culturas, por exemplo, nas sociedades antigas e modernas, há um sagrado ruim ou falso chamado ídolo. Os ídolos são formas de falso sagrado que tomam o lugar do verdadeiro sagrado. E você sabe que

há ídolos em todas as áreas da sociedade. No entretenimento, na política e assim por diante e acho que há um equivalente na psicologia interior.

Há muitos caminhos falsos para o sagrado interior, e acho que a primeira ideia a ser pensada é o processo de narcisismo, egocentrismo ou narcisismo, que são uma espécie de consagração do poder do eu e que se tornam obstáculos ao sagrado, impossibilitando o movimento em direção à alteridade. Porque estamos constantemente capitalizando a minha identidade, eu, eu, eu, eu. E esses são processos de dessacralização que podem se tornar verdadeiramente patológicos e impossibilitar a experiência do numinoso. Você se torna uma consciência, eu ia dizer morta. Você se torna uma psique seca.

E é por isso que acredito que a educação deve começar a despertar um senso de sagrado nos futuros seres humanos, mas não apenas por meio da conversão religiosa, porque é muito fácil converter alguém a uma religião sem que ele realmente tenha um senso de sagrado. Portanto, precisamos nutrir as almas jovens com o sagrado, mas isso pode ser feito de outras maneiras. Um amor pelas pessoas, um amor pela natureza, um amor pela arte, tudo isso permite que as pessoas descubram que têm uma força pessoal e uma fraqueza fundamental, um limite fundamental que as torna atentas a coisas maiores do que elas mesmas. Não estamos mais nos sentindo no centro do mundo. Acho que essa fórmula é muito importante e podemos começar a dar credibilidade a ela voltando à fórmula inicial. "Não toque nas coisas de forma espontânea e impensada. Seja cuidadoso, respeitoso, atento, porque essas coisas não pertencem a você. Essas coisas não são seu espelho. Essas coisas não são intercambiáveis". E é assim que, lentamente, a alma descobrirá que precisa caminhar em direção a uma profundidade ou altura que pode ser religiosa, mas que, de qualquer forma, é o sagrado.

Portanto, terminarei com a ideia de que não devemos fazer do sagrado algo simples. Que nós podemos simplesmente provocar por meio de manipulação, por meio de processos educacionais compulsórios e forçados, pois é algo que precisa voltar à parte mais profunda de cada pessoa. Ao seu inconsciente, à sua sensibilidade, à sua imaginação. E é nessa dinâmica que cada um de nós pode se enriquecer, descobrindo que existem outros mundos além do nosso. E, finalmente, em Cristo, que disse a Maria Madalena "não me toque", vemos tanto o homem quanto Deus. Obrigado.